

Esgôto, Poesia e Ciência

8-3-66

Rubem Braga

VALEU a pena fazer as provocações que fiz sobre a questão dos esgotos no mar. O marinheiro e cientista Paulo Moreira da Silva resolve minhas dúvidas na carta que aqui transcrevo, e que é a luminosa lição de um técnico e humanista:

«N. Oc. «Almirante Saldanhas». Santos, 5 de março de 1966 — Meu caro Rubem Braga.

Neste país de Santos, meu porto por três dias, chegam-me as suas cióticas aflitas «Ainda os Esgotos e O Poeta e O Mar».

Não, Rubem Braga, o tema não é indigno de poetas. Um dos melhores ensaios de Aldous Huxley tem o título: «Ode to Hyperion». Pois julga você tratar-se do titã mitológico, pai de Hélios, ou do próprio Hélios? Ou do famoso romance de Longfellow? Nada disso: Hyperion é o nome da companhia de engenheiros que, numa «joint venture» (tão colossal era a obra), projetou e construiu, numa praia de banho de Los Angeles, uma imensa tubulação para o lançamento de esgoto urbano no Oceano Pacífico. E a obra, não de Longfellow, mas dos engenheiros sanitaristas, dedicou Huxley a sua Ode.

Pois bem, Hyperion é apenas um dos 158 lançamentos oceânicos de esgoto existentes somente nos Estados Unidos. Um dos 227 existentes no mundo. Simplesmente, meu caro Rubem, por ser para cidades realmente grandes a única solução exequível.

Para pequenas quantidades de esgoto, existem outras soluções e brilhantes. Eu mesmo vi, no Laboratório de Engenharia Sanitária da Universidade de Berkeley, uma que lhe parecerá originalíssima: o esgoto é lançado em piscinas povoadas de um plankton vegetal, a *Chlorella*. A alga, iluminada pelo sol, exerce a função clorofiliana: assimila o carbono, e, paralelamente, os nitratos e fosfatos do esgoto, que transforma na própria substância: hidratos de carbono e proteínas. Nutrida, prolifera, e, extraída e seca, recuz-se a uma farinha perfeitamente apropriada à alimentação até das crianças. O resíduo é um pó tão estéril que serve para pavimentar as estradas.

A solução lhe parece original? Mas, em que consiste, afinal, senão em reproduzir, na escala ridícula de uma piscina, aquilo que em escala ciclópica se processa no mar? Ninguém cogitaria, Rubem Braga, de alimentar peixes com esgoto. São os nitratos e os fosfatos do esgoto que vão ser assimilados pelo fitoplankton, que derivará com as correntes e se alastrará pela difusão física, que irá ser comido pelo zooplankton, que derivará, também, por sua vez, para ser comido pelos peixes. Peixe que como esgoto pode ser realmente impróprio para a alimentação humana, e por isso a pesca é, em geral, proibida nas manchas de esgoto.

Quero também esclarecer outro equívoco. O esgoto contém originalmente não só colibacilos, mas uma fauna bacteriana variadíssima. Nada mais eficaz para destruí-la, que a água do mar, etai para todas elas. Quando nos referimos aos colibacilos, e os contamos não é que eles sejam os únicos elementos máficos do esgoto (muito pelo contrário, ainda não existe prova positiva de que como poluentes da água do mar o sejam): é que são bons indicadores da poluição por esgoto, pois sua origem única são as dejetões humanas e animais. Mas não são eles que constituem a poluição.

Concordo também com o seguinte: o esgoto deve ser tratado antes de lançado ao mar. Tratado para perder o aspecto repugnante (pois o mar se encarregará de lhe tirar todo o caráter nocivo). O tratamento consistirá sobretudo em remover a gordura (que mantém a mancha «solidária» e os detritos flutuantes, esse sórdido plankton artificial que acusa a população e emporcalha as suas praias. E isto obviamente será feito. E isto poderá ser feito tão inodoramente e discreto como já é feito nos belos «bungalows» ajardinados, com repuxos e parques de diversão que, sob Enaléio Cravo Peixoto, a equipe do Departamento de Esgotos Sanitários construiu em tantos bairros da cidade.

Mas que o vasto caudal de esgoto que a cidade produzirá no fim do século, e que se estima em 30.000 litros por segundo, terá mesmo de ser lançado ao mar, disso não tenho dúvida. Não existe outra maneira de dispor, de desembaraçar-se de tal resíduo. Não existe neutralização mais eficaz e barata de seus possíveis malefícios, que o lançamento ao mar. E assim, como lançamos os esgotos sanitários, teremos também de lançar o esgoto bem mais terrível, bem mais letal, das futuras usinas nucleares. Apenas, teremos que fazê-lo com o máximo de inteligência. Entre outras coisas, para respeitar os valores estéticos.

Aqui, de onde estou, vejo penachos de fumo saindo das chaminés das fábricas e mesmo dos prédios de apartamento e subindo ao céu de Santos, para se diluírem no azul, que profanam. Mas onde lançar, senão no espaço, a fumaça da civilização? É a escala que escolhemos para viver, Rubem Braga, que estraga tudo. Posso dissipar discretamente o fumo de meu cigarro ou a descarga de um Volkswagen. Não tenho meios de dissipar discretamente a fumaça de toda a indústria do mundo. Quando Platão preceituou que as cidades não deveriam exceder o horizonte visual, adivinhava, talvez, todas essas coisas.

O preço da civilização parece ser o de reduzir, um a um, os objetos de poesia a objetos de indústria. Fazer menos brutais essa brutalidade sem nome, é a mais nobre função da ciência. Quanto mais aprendermos sobre o mar, suas correntes, seus coeficientes de difusão, suas virtudes antissépticas, sua estabilidade ou instabilidade, em melhores condições estaremos de nos servir dele racionalmente. Racionalmente significa, entre outras coisas, respeitando a sua majestade e a sua beleza.

Que, estas, nem eu, nem você, trocáramos pela própria civilização.

Seu (a) Paulo Moreira

P. S. Ajunto que o vento Nordeste não lançará (como já não lança) o esgoto sobre as suas preciosas praias da Gávea, Papinó e Barra da Tijuca. Leva-lo-á para o meio do Atlântico.

61